



**HAL**  
open science

**Fernando Curopos, Queer(s) périphérique(s).  
Représentation de l'homosexualité au Portugal  
(1974-2014), Paris, L'Harmattan / 2016**

Maria Araújo da Silva

► **To cite this version:**

Maria Araújo da Silva. Fernando Curopos, Queer(s) périphérique(s). Représentation de l'homosexualité au Portugal (1974-2014), Paris, L'Harmattan / 2016. Colóquio Letras, 2017, António Ramos Rosa/Herberto Helder (196), pp.266-268. hal-03966757

**HAL Id: hal-03966757**

**<https://hal.science/hal-03966757>**

Submitted on 31 Jan 2023

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

**Fernando Curopos**  
**QUEER(S) PÉRIPHÉRIQUE(S)**  
REPRÉSENTATION DE L'HOMOSEXUALITÉ  
AU PORTUGAL (1974-2014)  
Paris, L'Harmattan / 2016

Inscrito na continuidade de *L'émergence de l'homosexualité dans la littérature portugaise (1875-1915)*, dado à estampa em 2016, Fernando Curopos publica, no mesmo ano, o seu mais recente livro *Queer(s) périphériques(s). Représentation de l'homosexualité au Portugal (1974-2014)*, oferecendo-nos um contributo valioso no âmbito dos estudos críticos sobre a condição homossexual nas Artes e Letras portuguesas assim como no emergente campo dos estudos *queer*.

Neste ensaio repartido por três partes estruturantes subdivididas em três capítulos, o autor — docente na universidade Paris-Sorbonne — analisa com apurado rigor metodológico — apoiando-se num vasto aparelho crítico dos *gender* e *queer studies* que articula com outros campos de saber — diversas práticas textuais e artísticas onde emergem identidades subversivas, tecendo uma ampla rede de correspondências entre literatura e outras representações artísticas, em jogos de espelhos em que se cruzam nomes como António Variações, Luís Miguel Nava, João Pedro Rodrigues, Joaquim Manuel Magalhães, Joaquim Pinto, Mário Cláudio, João Miguel Fernandes Jorge ou Filomena Marona Beja, entre outros.

Após uma introdução breve em que resgata a representação de sexualidades não normativas na literatura portuguesa da primeira metade do século XX, já evocadas no livro anterior, o autor debruça-se sobre um vasto número de produções circunscritas ao período que se situa entre 1974 e 2014, povoadas de «entidades sexuais proscritas» que multiplicam práticas transgressivas e atos de resistência

contra diferentes formas de dominação e opressão, inibidoras das liberdades individuais.

Numa primeira parte intitulada «La nuit fait sa révolution», Curopos começa por mapear a Lisboa homossexual, com as suas diferentes formas e espaços de socialização (Bairro Alto, Príncipe Real...) a emergir nos interstícios da cidade normativa. Num desses espaços heterotópicos (Foucault), nasce, logo após a Revolução de Abril, a produtora cinematográfica *Cineground*, fundada pelos realizadores Óscar Alves e João Paulo Ferreira, pioneiros na abordagem da condição homossexual no cinema português, com produções repletas de figuras de travestis representados em ambientes com tonalidades burlescas, *camp* ou *trash*, a exemplo da comédia musical de João Paulo Ferreira, *Fatucha Superstar* (1976), produzida na senda do cinema hollywoodiano *queer* dos anos 60 e 70 e assumindo uma postura subversiva face ao regime patriarcal opressor e o clericalismo dominante, como bem o ilustra o autor.

Se estes filmes permanecem ainda hoje relegados ao silêncio, uma voz ecoa nos bairros excêntricos da capital, onde se multiplicam espaços *underground* frequentados por uma clientela heteróclita: a do cantor popular António Variações (1945-1984), que Curopos apresenta como uma identidade *queer* fortemente influenciada pela estética *camp*, com canções que constituem um hino à noite lisboeta e à libertação da (homo)sexualidade e funcionam em simultâneo como um convite ao hibridismo e ao derrubar de fronteiras impostas por uma mesma ordem social inflexível e reguladora.

Numa segunda parte em que a Noite se reveste de trevas cada vez mais espessas («Et la nuit devient noire»), o autor analisa a obra cinematográfica de João Pedro Rodrigues (n. 1966), povoada de travestis

e transsexuais (*O Fantasma*, 2000; *Odete*, 2005; *Morrer como Um Homem*, 2009), propondo um questionamento em torno dos binarismos de identidade, género e sexualidade, numa *démarche* de índole ético-política em que as experiências do minoritário, da diferença, das margens e da subversão sobressaem como clara recusa da inscrição dos corpos em categorias identitárias estanques e normativas.

Mergulhando mais ainda nos assombros da escuridão, Curopos debruça-se sobre a temática da SIDA relegada à esfera do tabu, à semelhança da homossexualidade que, embora despenalizada em 1982, surge frequentemente reduzida ao silêncio e travada pelo poder do não-dito, numa paisagem alicerçada pelos pilares do patriarcado e com raízes profundas na tradição. A doença é levada ao cinema pelas mãos de Joaquim Pinto no autodocumentário *E agora? Lembra-Me* (2013) cujo carácter excecional se manifesta por apresentar, num jogo poético entre exterioridade e interioridade, a condição de seropositivo vivida na intimidade de um casal (que o realizador forma com Nuno Leonel), como pulsão de vida intensa e revestida de uma tonalidade solar raramente vistas no cinema. O corpo sofrido e doente associa-se à proclamação do amor entre dois homens, numa semântica de afetos e desejos que abalam as tra-mas e fronteiras do regime de disciplina heteronormativa e repressora. Numa perspetiva diversa, baseando-se na obra poética de Joaquim Manuel Magalhães, vista como autobiográfica, o ensaísta evoca a doença como catástrofe visível e palpável numa «po-ética» com contornos profundamente disfóricos, marcada pelo desencanto e pela melancolia num presente dominado pelo medo, a destruição e a ruína.

Num outro capítulo, dedicado à obra de Luís Miguel Nava — «filho espiritual

de Álvaro de Campos» —, vislumbra-se um universo poético explicitamente homoerótico e apontado como espaço de teatralização onde um corpo se expõe na sua plenitude material e a interioridade se envolve em experiências epifânicas, num extravasamento de emoções e êxtases dionisiacos. Nestes poemas fulgurantes, incandescentes e saturados de referências hiperbólicas, a estética do excesso e do extremo conjugam-se na representação de um erotismo solar e na expressão de um premente desejo de totalidade e plenitude.

Sobre o universo poético de João Miguel Fernandes Jorge, construído a partir de um vasto diálogo entre temporalidades e géneros artísticos que convocam o museu imaginário do leitor, colocado numa posição claramente voyeurística, destaca-se uma multiplicidade de *ekphrasis* com tonalidades homoeróticas e dotadas de uma ampla rede de correspondências sensoriais e imaginativas, em que corpos sedutores transformados em «obscuro objeto de desejo» são reiteradamente visitados.

Numa clara aproximação com a obra de António Nobre, resguardada e fechada no armário por uma exegese norteada pela gramática do «ne demandez pas. Mieux vaut ne pas savoir»<sup>1</sup>, como Fernando Curopos procurou demonstrar num estudo aprofundado sobre o autor<sup>2</sup>, apresenta-se, num outro capítulo, Mário Cláudio como «outeur» de teatro, com a «alegoria em sete quadros» *Noites de Anto*, centrada numa personagem a evoluir na oscilação performativa de um «entre-dois» pincelado de traços «gay, kitch e camp» e norteado por uma dinâmica que visa desestabilizar e contrariar rótulos redutores e essencialistas.

Apesar de pouco explorada, não se descarta a homossexualidade feminina, impondo-se através de uma reflexão e m

torno da escritora Filomena Marona Beja e do seu livro *A Duração dos Crepúsculos* (2006), em que resgata, entre *res factae* e *res factae*, a memória da primeira produtora portuguesa de cinema — Virginia Folque de Castro e Almeida (1874-1945), tecendo simultaneamente em filigrana um *outing* da sua condição pessoal, deixando entrever um Eros feminino capaz de subverter os dogmatismos e moralismos do regime falocêntrico dominante.

A partir de um vasto painel de figuras e obras emblemáticas da contemporaneidade que aqui são trazidas e analisadas com grande agudeza, Curopos conduz o leitor pelos meandros de uma estética da recepção *queer*, sensibilizando-o e confrontando-o com a condição precária e vulnerável (Butler) de indivíduos seduzidos pela tentação do desvio à normalidade e pela diferença, relegados para as margens pelos mais diversos mecanismos do biopoder (Foucault) que cristalizam modelos heteronormativos de género e sexualidade. Insurgindo-se contra o «não se deve dizer, nem se deve perguntar», que continua a dominar grande parte da cena literária e académica, tentada por caminhos mais seguros, Curopos introduz, nas pontes aqui estabelecidas entre realidade e escrita, rasgos de luz em universos sombrios a que dá vulto e espessura.

*Maria Araújo da Silva*

NOTAS

- <sup>1</sup> Eve Kosofsky Sedgwick, *Épistémologie du placard*, Paris, Éditions Amsterdam, 2008, 71 (*apud* Curopos, 2016, 85).
- <sup>2</sup> Fernando Curopos, *António Nobre ou la crise du genre*, Paris, L'Harmattan, 2009.